Editorial

Matéria publicada em 23/04/10

Hora de esperar

Assim, as críticas, embora bem intencionadas, precisam ser precedidas de uma trégua. Apostar no pior não é uma missão cidadã. Parece fácil prever o caos e insuflar a confusão e o colapso. Difícil é dar crédito aos avanços no setor

Aconstrução do Terminal Central, um equipamento público destinado à organização e à integração do transporte coletivo municipal, tem gerado críticas antecipadas ao projeto, que vem sendo executado rapidamente na antiga área da indústria NGK do Brasil, entre as vias Governador Adhemar de Barros, Professor Flaviano de Melo e Tenente Manoel Alves dos Anjos.

Argumentos levantados por alguns observadores apontam para dois fatores: a) a localização, à margem direita do ribeirão Ipiranga, local que, embora canalizado, voltou a registrar enchentes no início do ano, no dia do maior temporal registrado na cidade; b) o tráfego de veículos, que ficaria ainda mais complicado do que já é, ao atrair um número elevado de ônibus para uma região encravada no centro.

Há que se analisar, no entanto, alguns fatores: a) como bem apontaram na edição de ontem e anteontem leitores na seção de e-mails, é preciso reconhecer que nunca havia se visto tantos investimentos na área do transporte coletivo na cidade. A construção de um espaço decente, dotado de infraestrutura, em ponto estratégico, é algo inédito. O que se teve, nos últimos dez anos, foi a improvisação de locais erroneamente denominados de "terminais de integração", primeiramente no Mogilar, depois defronte à estação Estudantes da CPTM, no Centro Cívico; b) Óbvio que só o fato de ter integrado boa parte das linhas, algo impensável até 2001, deu um certo norte ao sistema de transporte, mas ainda faltava, naquele momento, a quebra do monopólio, algo realizado com relativo sucesso em 2004; e a saída da Mito, empresa herdeira do Grupo Eroles, que viveu anos de uma crise falimentar progressiva e arrasadora, o que só se concretizou no início do governo Marco Bertaiolli (DEM), em janeiro de 2008; c) o Sistema Integrado de Transporte, planejado pelo atual governo, vai além do Terminal Central e estabelece, para breve, a construção de outro bolsão de transporte, o Terminal Norte, juntando a área atual do Terminal Estudantes com o Centro de Lazer Botyra Camorim Gatti; d) o Terminal Central, então, atenderá ao transporte no eixo entre o centro e Brás Cubas, ao passo que o Terminal Norte será ponto de chegada e saída para o distrito de César de Souza; e) os dois novos terminais estão localizados muito próximos às estações Mogi das Cruzes e Estudantes, o que deve ampliar a integração para o sistema ferroviário; f) a questão

das enchentes é exceção, não regra. Desde 2007, quando a canalização do trecho da avenida Voluntário Fernando Pinheiro Franco foi concluída pela administração Junji Abe, uma única enchente foi registrada, exatamente em fevereiro deste ano, quando uma tromba d´água caiu sobre a cidade, causando inundações, deslizamentos e problemas de norte a sul do município. Logo, há que se prever que somente em casos fortuitos ocorram problemas por ali; g) haverá um tempo de implantação. Não há que se esperar que tudo fique em ordem no primeiro dia e na primeira semana. Há todo um sistema informatizado que norteará a integração, novas linhas, novas denominações e novos itinerários, muitos deles a serem experimentados. Daí, é previsível uma confusão inicial, seguida de uma esperada acomodação; h) Quanto ao trânsito, é necessário ponderar que, nas ruas estreitas de Mogi, e com o considerável aumento da frota de veículos, a problematização do tráfego já se dá independentemente da implantação dos novos terminais, que, se bem implantados, tendem a organizar o fluxo do transporte coletivo, extinguir pontos que retêm veículos, colaborando para aliviar o problema dos congestionamentos.

Assim, as críticas, embora bem intencionadas, precisam ser precedidas de uma trégua. Apostar no pior não é uma missão cidadã. Parece fácil prever o caos e insuflar a confusão e o colapso. Difícil é dar crédito aos avanços no setor, à tentativa de melhorar e integrar o sistema.

É preciso, então, dar tempo ao tempo. Para isso, a comunicação de todas as alterações deverá ser eficiente, atingindo todos os públicos, principalmente aquele pertencente ao contingente enorme de pessoas que são obrigadas a se utilizar do serviço público de transporte coletivo por ônibus. Apostemos no melhor!